

Mausé distribuído
e substituído. Doc. 21/5/16

Rubem Braga

ANISTIA, ETC.

A FINAL, que é que há com o nosso presidente? Ele diz em um discurso que amanhã a Sumoc vai fazer e acontecer e a Sumoc não faz nem acontece. Proclama, num «beau geste», que a anistia vai ser concedida e a anistia não sai. Promete baratear a vida do povo e logo de cara se dobram as passagens de bonde e se multiplicam as taxas postais.

Não quero aumentar as atribulações de nosso presidente, mas a evidência dos fatos é mais forte que a boa vontade dos homens. Ele mesmo deve estar sentindo que algo não está funcionando — ou está funcionando contra. A seguirem as coisas nesse rumo é meu grande receio que de nosso presidente amanhã se diga, ou escreva, que o que ele diz não se escreve.

A única notícia boa que tivemos das coisas do governo foi ao mesmo humilhante e sensacional: os telegramas estão sendo transmitidos por via telegráfica. Ah, se o governo português fizesse publicar essa notícia na imprensa, quanta gargalhada no Brasil! O nosso presidente, que é também o nosso Telegrafista número 1, e ainda outro dia andou batucando seu Morse numa cidade do Triângulo, deve ter se sentido no sétimo céu.

Telegramas telegrafados é, na verdade, alguma coisa, mas é pouco, e, afinal, nos saiu caro. Mas o caso da anistia que se anunciou sem ninguém pedir me lembra uma que houve, ou melhor, não houve, em Portugal. Estava o meu amigo Joaquim Novais Teixeira em Paris quando leu nos jornais um telegrama de Portugal: Salazar anunciava a anistia. Saudoso do vinho verde das tascas de Lisboa e dos ares maternos de Guimarães, lá se tocou o Joaquim para a terrinha. E chegou, todo fagueiro. Na fronteira um guarda examinou-lhe os papéis, procurou seu nome em uma lista que tinha à mão e o mandou trancafiar no xadrez. Protestou o Joaquim, falou de anistia. «Anistia? Olhe aqui!» E o policial, se me permitem, deu-lhe um vigoroso adeus, com a mão fechada.

Ora, esse adeus não é precisamente um «beau geste».